

Introdução

Tomando como referência as elaborações de Antonio Gramsci acerca do significado e da função social do trabalho dos intelectuais pretende este trabalho demonstrar que o catolicismo popular – na versão expressa pelos movimentos dos beatos – se constitui em substrato ideológico pelo qual setores do campesinato nordestino na segunda metade do século XIX ousaram elaborar um projeto de sociabilidade diverso daquele cuja marca era o mandonismo rural.

Nesse sentido o catolicismo popular é percebido como intelectual orgânico coletivo na medida em que se constitui como elaborador de uma visão de mundo e agente cuja inserção nas relações sociais produz reflexos evidentes nos âmbitos da cultura, da política e da economia. É na trilha dessa tradição fundada pelo beatismo que Antônio Conselheiro vai se constituir (a partir de um determinado contexto) na maior liderança do catolicismo popular, no intelectual orgânico do povo do Belo Monte.

No tratamento do tema têm destaque os conceitos (e as noções) gramscianos de intelectual (e suas derivações), elevação cultural (intelectual e moral) das massas, conformismo, hegemonia, senso comum e bom senso, organização e direção, ideologia como força material, dentre outros aspectos inerentes à cosmovisão gramsciana.

Considerado o lugar social, a perspectiva de classe a partir da qual são tecidos os fios do imaginário social discute-se aqui o significado histórico-filosófico e sociocultural da vigência de uma determinada representação de Canudos e de Antônio Conselheiro – ao longo de boa parte do século XX – no universo da pesquisa social e no âmbito da prática escolar. Tal discussão visa evidenciar as motivações ideopolíticas e o lugar dos diferentes sujeitos sociais nas variadas narrativas da história.

Quadro Histórico

O século XIX no Brasil é o período em que setores das camadas intermediárias, constituintes da pequena burguesia, inspirados na tradição iluminista européia, levantam as bandeiras do fim da escravatura e da afirmação do ideário republicano como condições preliminares para a inserção do Brasil no universo da modernidade.

No contexto do segundo império a cultura cafeeira consolida a hegemonia político-econômica do sudeste nas relações com as outras regiões. A preeminência do café nas relações econômicas possibilita um relativo surto de modernização com a ampliação das redes viária e telegráfica e a crescente reprodução de capitais garantida pelo brutal processo de exploração do trabalho e por uma eficiente organização do aparato bancário.

Esse Brasil não se reconhece nas motivações (ou iniciativas) de setores da população situados geograficamente e culturalmente distante do eixo Rio – São Paulo. Esse estranhamento de brasis se manifesta em conflitos sociais como o Ronco da Abelha (Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Ceará e Sergipe – 1851/52), a Sedição dos Chinelos (Bahia, 1858) e o Quebra-Quilos (Paraíba, Rio Grande do Norte, Alagoas e Pernambuco, 1874/75), dentre outros ocorridos no Nordeste na segunda metade do século XIX. Ou seja, o Estado e os setores populares se comunicam num diálogo de surdos no teatro das relações sociais.

Esse hiato entre o Estado e os setores mais humildes da população possibilita a presença ostensiva de um ator coletivo cujo discurso tem como matriz ideológica o catolicismo, independente da atuação de seus agentes no interior da igreja ou à sua margem.

Nessa configuração histórica a experiência de Canudos se constitui como o clímax das tensões entre o poder oficial e o comportamento popular. A guerra do Belo Monte é a expressão mais emblemática da luta de classes nesse quadro histórico, e a figura de Antônio Conselheiro tem um peso significativo na compreensão do caráter sociopolítico e cultural-educativo dessa experiência, na medida em que atua como intelectual, organizador e dirigente, educador do campesinato sertanejo no enfrentamento dos dilemas postos pelo meio físico e pelas relações sociais.

Missões Religiosas e Catolicismo Popular no Nordeste

O processo de ocupação do território brasileiro pela coroa portuguesa contou (além da brutalidade dos bandeirantes) com a significativa contribuição de ordens religiosas – inacianos, beneditinos, franciscanos, capuchinhos, lazaristas – que, além de difundir o cristianismo nos ermos rincões d’além-mar, efetivavam a função de pacificadores de grupos rebelados.

As missões religiosas se revelaram como a forma mais eficiente de atuação da igreja no processo de conquista de almas. “A tradição missionária cristã-católica permaneceu

viva e atuante junto à ordem constituída, especialmente no Nordeste brasileiro, pelo menos dos séculos XVI ao XIX” (SAMPAIO e MADEIRA, 2006, p. 01). Embora estando, em regra, a serviço da ordem, como assinala Madeira (2003, p. 71), em circunstâncias singulares alguns sacerdotes assumiram posturas revolucionárias. “Tomemos o exemplo de religiosos nordestinos como Frei Caneca, padre Mororó, padre João Ribeiro, Miguelinho, só para citar alguns” (Idem).

As “santas missões” no sertão nordestino do século XIX expressam a solidez da ação missionária no Brasil, sendo os lazaristas franceses e os capuchinhos italianos, além dos padres seculares, os principais responsáveis pela formação cristã do povo sertanejo. Impressionava o homem dos sertões a coragem e determinação daqueles religiosos que não mediam sacrifícios na materialização de seu compromisso com a fé católica.

Nas “santas missões” nos distantes lugarejos dos sertões nordestinos os evangelizadores realizavam – junto com a população, em mutirão – obras de evidente caráter social como construção ou reconstrução de capelas, barragens, açudes, cemitérios, conquistando a simpatia e admiração daquelas gentes simples. A dimensão estritamente religiosa do trabalho missionário consistia na pregação da humildade, da obediência, da penitência, da caridade, do medo do fogo do inferno – uma perspectiva teológica eminentemente conservadora da ordem social. Articulando as dimensões da vida civil com a religiosa os sacerdotes casavam os amancebados, batizavam os pagãos, difundiam os sacramentos, inculcando naquele povo valores oriundos da tradição católica, configurando um determinando modelo de civilização.

Até o final do império os capuchinhos italianos tiveram intensa colaboração com o governo brasileiro, especialmente com o trabalho apostólico do frei José Plácido de Messina, ao liderar missões em 1841, na pacificação da revolta dos Cabanos em Alagoas. O frei Caetano de Messina continuaria o trabalho missionário de José Plácido, ao atuar na Revolução Praieira (1848-1850) e no Ronco das Abelhas (1851-1853), ambos em Pernambuco. Por último, o frei Caetano de Messina Sobrinho ao participar do apaziguamento do movimento Quebra-quilos, ocorrido entre as regiões do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. No final do Império e início do período republicano o frei João Evangelista de Monte Maciano interveio no Interior da Bahia, tendo participado da tentativa de apaziguamento do arraial de Canudos, no ano de 1895².

A ação missionária deixou profundas marcas nos sertões nordestinos do século XIX. Embora atuassem, em re-

gra, a serviço da Igreja e do Estado imperial no intuito de conter o ímpeto de rebeldia de setores da população, os missionários serviram de modelo para as variadas expressões dos movimentos dos beatos. Os missionários atuavam dentro da ordem social estabelecida, e eventualmente criando dificuldades para essa ordem (Ibiapina e Herculano foram acusados de instigar o Quebra-quilos, em Campina Grande, na Paraíba). Referindo-se especificamente aos capuchinhos, Madeira (2003, p.74) apresenta um inspirado retrato da marca dos missionários na memória popular:

A imagem deles não apenas ficou na mente popular: sandálias, a barba longa, o hábito rústico e a coragem diária de percorrer o itinerário das missões sem nenhum conforto, mas também porque aqueles religiosos estrangeiros continuavam ativos pelo interior sertanejo das províncias em suas missões.

Elementos dessa imagem estarão presentes na configuração do profetismo marginal, o movimento dos beatos, nas experiências do Rodeador (Pernambuco, 1818/20) e da Pedra Bonita (Pernambuco, 1836), e na utopia do Belo Monte. Essas experiências revelam a apropriação de aspectos do catolicismo missionário pelos setores mais humildes da população sertaneja – a religiosidade como arma simbólica no enfrentamento dos dilemas “naturais” e históricos colocados ante a população sertaneja. Mesclam-se nessas expressões da religiosidade popular traços da tradição missionária com ressonâncias do milenarismo, do messianismo e do sebastianismo.

A autoridade carismática é marca comum às duas vertentes do catolicismo popular. Na tradição missionária explicita-se o ideário da Igreja entranhado no cotidiano da população através da ação de um Messina, um Venâncio³, um Ibiapina. Na perspectiva do beatismo tem relevo a dimensão utópica, a promessa de felicidade terrena, seja no ideário do Paraíso Terreal (no Rodeador), na realização do reino de D. Sebastião (na Pedra Bonita) ou na metamorfose da natureza em benefício do humano, conforme a profecia atribuída ao peregrino do Belo Monte⁴.

Enquanto, em regra, os missionários eram homens oriundos d'além-mar, portadores de uma forma de cultura erudita, representantes de um modelo oficial de civilização – modelo conformado aos interesses mais gerais da camada senhorial que os acolhia, camada à qual prestavam serviço em nome de Deus e da ordem civil, expressando o casamento entre Estado e Igreja – os beatos eram essencialmente

homens do povo, oriundos das camadas sociais desassistidas, ou, quando muito, da pequena propriedade rural ou do pequeno comércio. Eram esses beatos, portanto, homens naturalmente educados no universo das maiorias, sujeitos cujas consciências tensionavam entre o senso comum do dia-a-dia sertanejo e o bom senso possível vislumbrado nas entrelinhas do discurso cristão. Na perspectiva marginal coloca-se, portanto, a possibilidade de construção de um outro conformismo, de edificação de um ideário – e correspondente modo de vida – diverso daquele hegemônico no universo sertanejo. É seguindo essa trilha que Antônio Vicente Mendes Maciel, na peregrinação de Quixeramobim a Canudos, converte-se no Bom Jesus Conselheiro, o profeta do Belo Monte.

A Trajetória de Antônio Conselheiro

Filho de um comerciante de secos e molhados, Antônio Vicente Mendes Maciel nasceu em Quixeramobim, no sertão cearense, em 13 de março de 1830⁵. Apesar dos conflitos que envolviam sua família (os Maciéis) e os Araújo, teve uma infância serena. “Os relatos que existem descrevem-no como um menino tímido e estudioso, de aparência fraca e pálida, apesar da tez morena” (LACERDA, 1997, p.23). Cedo, aos seis anos, perdeu a mãe. Tinha vinte e cinco anos quando o pai faleceu. Teve razoável formação escolar, aprendendo, na escola do professor Manuel Antônio Ferreira Nobre, aritmética, geografia, francês e latim. Tendo adquirido bom domínio da leitura travou contato, na época da experiência escolar, com criações da literatura popular que circulava nos sertões nordestinos: o Lunário Perpétuo, a Princesa Magelona, os Doze Pares da França, dentre outros.

Órfão de pai e mãe cuidou dos negócios da família e, em 1857, casou-se com Brasilina Laurentina de Lima, que o abandonou em 1860, fugindo com um amante. Entre 1862 e 1865 viveu em Santa Quitéria, no sertão cearense, com Joana Imaginária, artesã que esculpia santos em barro e madeira. Retoma a vida de andarilho como vendedor ambulante. Estabelece residência em Várzea da Pedra, entre 1869 e 1871, onde é processado por dívidas. Resolve a situação e retoma a vida de peregrino. “Em 1872 começa a pregar no sertão pernambucano, após se encontrar no sul do Ceará com o padre Ibiapina” (VILLA, 1992, p.15). É nesse período que se opera a metamorfose essencial de sua existência: assume uma vida de ascetismo e penitência, alimentando-se de esmolas e ministrando conselhos às gentes simples dos sertões nordestinos. Com tal modo de vida converte-se em Antônio

Conselheiro, passando a receber, nos lugarejos onde passa, outras denominações semelhantes: Santo Antônio Aparecido, Santo Antônio dos Mares, Bom Jesus Conselheiro.

Em 1876 o Conselheiro alcança a vila de Itapicuru de Cima, no sertão baiano, donde, vítima da acusação infundada de assassinato da esposa e matricídio, é levado para ser julgado em Salvador. Suporta com serenidade a sanha criminosa das autoridades baianas que o conduzem ao Ceará para que se evidencie a verdade de seus crimes. Seus contrerrôneos, entretanto, o inocentam e ele retorna à Bahia, alcançando Chorrochó em 1877, erguendo ali elegante capela. Nesse mesmo ano a Folhina Laemmert, do Rio de Janeiro, publica um registro de suas andanças e sua influência na população sertaneja.

Continua, nesse período, suas andanças pelos sertões, pisando o chão da Bahia, de Pernambuco, Sergipe e Ceará, sendo sempre bem recebido nos lugarejos em que passava, pregando e realizando ações socialmente úteis. Em pleno contexto da Questão Religiosa – a crise nas relações entre Estado e Igreja no Brasil e o processo de romanização do catolicismo em solo brasileiro – o beato é bem recebido pelo clero regular e elogiado por boa parte dos padres, que reconhece a pureza de suas pregações e sua fidelidade ao catolicismo oficial.

Em 1882 o arcebispo de Salvador encaminha uma circular aos párocos da Bahia impedindo-os que tolerassem as pregações do Conselheiro em suas paróquias. Era o medo do alto clero da possibilidade, mesmo que remota, de alguma orientação heterodoxa no seio da comunidade católica. Tal receio revelava o fato de que o peregrino estava conquistando a hegemonia, a direção, o consentimento das massas sertanejas. O discurso do beato revelava-se mais convincente para essas massas do que a postura assumida pelos agentes clericais. No seio do próprio clero muitos padres continuavam acreditando na boa fé do peregrino, recebendo-o e acatando suas pregações⁶.

No ano de 1886 o profeta está com seus seguidores no Itapicuru de Cima, onde constrói uma capela. No mesmo ano Dom Luís, arcebispo da Bahia, encaminha nova circular ao clero baiano exortando os padres que proibam aos fiéis de assistirem as pregações do peregrino, acusando a este de divulgar “doutrinas subversivas”. “Data desse mesmo ano o ofício encaminhado pelo delegado de Itapicuru ao chefe de polícia da Bahia, no qual era relatado um desentendimento entre os conselheiristas e o vigário local” (LACERDA, 1997, p.26). Tais fatos explicitam o conflito entre a postura do profeta (e seus seguidores) e o status quo, representado este pelas autoridades eclesiais e policiais.

No alvorecer da década de 1890 o peregrino funda o arraial do Bom Jesus, no sertão da Bahia, estabelecendo um modo de vida comunitária com a coletivização dos rebanhos de cabras e galinhas. Ali construiu uma igreja e algumas cisternas. Como observa Rodrigo Lacerda (1997, p.26): “imediatamente, um grande afluxo de sertanejos começou a chegar e logo Bom Jesus se tornava o centro do Município de Crisópolis”.

Abandona o arraial do Bom Jesus – não há registro indicando o tempo e as razões de tal abandono – e, em 1893, em Bom Conselho, no interior baiano, exorta a população a não pagar impostos. Em consequência os editais de cobrança foram incendiados gerando um primeiro conflito aberto entre os conselheiristas e o Estado republicano. À frente de aproximadamente duzentos seguidores o beato desloca-se para o norte do estado, perseguido por força policial. Ocorre o combate de Masseté, em que os conselheiristas derrotam as forças regulares. O profeta percebe, então, a necessidade de se estabelecer em local seguro onde possa seu povo defender-se das investidas das forças oficiais. Funda, então, no mesmo ano de 1893, o arraial do Belo Monte, no alto sertão baiano, a 700 quilômetros de Salvador.

O Caráter Orgânico da Prática Social do Conselheiro (Intelectual e Educador)

Três elementos são essências para a compreensão da perspectiva ideológica orientadora da práxis do peregrino: a formação escolar, a experiência profissional e a formação moral-religiosa. O primeiro elemento, a formação escolar, contribui de forma significativa para a estruturação de um espírito inquieto, marcado por serenidade e rebeldia. O contato com a literatura popular e com rudimentos do latim pode ser percebido como semente da futura capacidade de comunicação com a população sertaneja e do manejo do verbo sagrado nesse comunicar. Na experiência profissional de Antônio Vicente vai se configurando o caráter de um intelectual identificado com os anseios populares. A violência praticada pelo clã dos Araújo contra sua família e a defesa desta por Ibiapina quando juiz em Quixeramobim possivelmente tenham deixado marcas indeléveis em sua sensibilidade.

O jovem Antônio Vicente trabalhou como caixeiro, no armazém de seu pai, entre as décadas de 1840 e 1850. No final desta última década, após fracasso na vida comercial, fecha o armazém herdado do pai, salda todas as dívidas e abandona Quixeramobim, indo se estabelecer na fazenda Tigre, onde abre uma escola primária, lecionando português, aritmética e geografia. Em 1859 deixa a fazenda Tigre

indo se estabelecer em Tamboril, onde trabalha como caixeiro de uma casa comercial. Retoma posteriormente a vida errante, vivendo como rábula. Como assinala Edmundo Moniz (1987, p.22):

em 1861, mudou-se para Ipu, onde continuou a exercer no foro a mesma profissão. Tendo conhecimento da infidelidade de sua esposa ou sendo abandonado por ela, foi viver na Fazenda Santo Amaro, no termo de Tamboril, onde novamente se dedicou ao magistério.

Com a prática de advogado provisionado e professor primário vai se desenhando a trajetória de um intelectual e educador. O contato com Ibiapina, no início da década de 1870, provavelmente tenha sido decisivo para sua formação moral-religiosa, para a leitura de textos clássicos do mundo greco-romano e para a profunda capacidade de comunicação com as massas sertanejas. Sem desconsiderar o aprendizado preliminar das andanças de Antônio Vicente nos sertões do Ceará, o profundo conhecimento do chão e do povo sertanejo em duas décadas de andarilhagem, pode-se afirmar, concordando com Moniz (1987, p.24), que o padre Antônio Maria Pereira Ibiapina foi o precursor de Antônio Conselheiro:

Antônio Maciel que conheceu o padre Ibiapina, quando menino, o reencontrou no auge de sua glória, e teve a oportunidade de trocar idéias com ele e de ouvir as suas audaciosas pregações. Durante algum tempo, seguiu-o como discípulo, tomando como exemplo a sua vida apostolar. Pode-se dizer que o padre Ibiapina foi o precursor de Antônio Conselheiro.

O discurso do Conselheiro está matizado no catolicismo tradicional, inspirado nas andanças dos missionários e suas “santas missões”. O profetismo, ancorado na monarquia divina e no anseio de salvação, é o traço essencial de sua visão de mundo. A leitura do Antigo e do Novo Testamento, a preservação dos sacramentos e dos dez mandamentos, além da observância das obrigações religiosas constituem elementos da prática moral-religiosa do peregrino.

O sebastianismo, o messianismo e o milenarismo presentes no Belo Monte não constituem elementos essenciais, convincentes, para a compreensão da experiência histórica do arraial. A presença de tais crenças significava apenas um aspecto do universo sertanejo, destituído de consistência na explicação dos fundamentos para a resis-

tência dos conselheiristas contra as investidas das forças republicanas⁷. As condições materiais de existência do campesinato nordestino articuladas ao bom senso (o núcleo sadio do senso comum) da cosmovisão católica possibilitam a percepção do arraial como foco de desobediência civil. Os conselhos, em que pese seu caráter metafísico em parte de suas formulações, devem ser vistos em sua umbilical, ligação com a intervenção do profeta (e seu séquito) no dia a dia dos lugarejos, a realização de benfeitorias.

Tendo vivido num contexto histórico marcado pela problemática da escravatura e pelo ideal republicano, temas colocados em evidência por setores das elites, o Conselheiro, em função de sua formação católica e, principalmente, pelo fato da República não ter trazido melhorias para as condições de existência do homem dos sertões – ao contrário, reforçou o poder das oligarquias – expunha um discurso abertamente contrário à ordem republicana, identificando-a com o poder do Anticristo.

Quanto à problemática da escravatura, por outro lado, a despeito de seu monarquismo, o profeta se colocava como discreto abolicionista. Em suas pregações em Tucano e no Itapicuru – nas décadas de 1870 e 1880 no sertão baiano – dirigia-se a uma massa de escravos transmitindo os ensinamentos dos Evangelhos. Em que pese o discurso que idolatrava a Princesa Isabel, anunciava para os cativos dos engenhos a boa nova que estava por vir. Clóvis Moura (1996) assinala a existência, na zona de Itapicuru, de um quilombo que havia causado certo mal-estar às autoridades da região e que, provavelmente, ouvira as pregações do peregrino.

O grupo que formava o séquito do Conselheiro (em regra, de origem mestiça, como o Bom Jesus) era formado de brancos pobres, ex-jagunços, e grande quantidade de ex-escravos, estes chamados de “treze de maio” após a Lei Áurea. Era o peregrino, como afirma Clóvis Moura, um abolicionista da plebe, um viandante que pregava a abolição do cativo onde não chegava a prosa ilustrada dos liberais. Condenando a barbárie da escravatura (MOURA, 1996, p.97) observa o beato:

quantos morriam debaixo dos açoites por algumas faltas que cometiam; alguns quase nus, oprimidos da fome e de pesado trabalho. E que direi eu daqueles que não levavam com paciência tanta crueldade e no furor do excesso de sua infeliz estrela se matavam?

Além da leitura da Bíblia o Conselheiro tinha consigo duas obras religiosas populares em seu tempo: “A Missão

Abreviada” e “Horas Marianas”. No Belo Monte redigiu, em 1895, “Apontamentos dos preceitos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Esta obra “contém partes copiadas e adaptadas da Missão abreviada e da Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Apresenta ainda os dez mandamentos e os sacramentos e obrigações religiosas” (VENTURA, 1997, p.96).

Em janeiro de 1897 o peregrino conclui a escrita de seu segundo texto: “Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do Mistério da Anunciação”. Tal manuscrito contém a vida de Jesus, os dez mandamentos da lei de Deus e textos oriundos da Bíblia acrescidos de prédicas e discursos. Tal obra contém ainda um texto de caráter político, o sermão “Sobre a República”, onde ataca a nova forma do Estado brasileiro, qualificando-a como contrária à vontade de Deus.

Era um intelectual que pensava na perspectiva da elevação moral de seus seguidores. A observância dos ensinamentos bíblicos e a experiência de coletivismo no Belo Monte revelam tal perspectiva. O catolicismo popular é o cimento ideológico que unifica as aspirações dos deserdados da terra em Canudos. Na construção da Igreja Nova estava a paixão maior do profeta, ela seria a coroação de uma existência de provações.

O ideal de civilização do Conselheiro residia na busca da virtude e da solidariedade na convivência humana. A busca da retidão fundamentada na observância dos mandamentos da lei de Deus, a solidariedade materializada na coletivização dos bens. Em Canudos a presença de uma escola indica o interesse do povo do Conselheiro pela elevação intelectual e moral, conforme pregava o profeta. A rua da professora simboliza a importância da educação para os canudenses. Como assinala Villa (1992, p.33):

a criação de uma escola foi uma iniciativa da comunidade. A professora Maria Francisca de Vasconcelos, de 23 anos, que tinha cursado a escola normal em Salvador, se estabelece em Canudos. Sua importância social pode ser medida pela designação da rua em que morava: a rua da professora.

Os sinais da biografia do beato autorizam o entendimento de que o Conselheiro era um educador, portador de um ideal civilizatório. Em suas pregações induzia a platéia a evitar ações criminosas, não roubar, não violentar, respeitar a lei e as autoridades. Era um discurso reacionário, em contradição com a ira profética da condenação da escravidão e dos abusos de poder.

O movimento dos beatos – na prática conselheirista – apesar do caráter conservador em alguns aspectos do discurso, expressava o máximo de consciência possível ao campesinato sertanejo naquele contexto histórico. Esse nível de consciência se materializa na edificação do arraial do Bom Jesus, no episódio de Bom Conselho e na fundação do Belo Monte. A concepção de mundo inerente ao profetismo, convertida em força material, possibilita a hegemonia, a direção de vastos setores da população sertaneja no embate sociopolítico do peregrino com setores da igreja, do latifúndio e da administração das vilas e povoados. O beato, que havia sido mestre-escola em sua juventude e em seu tempo de peregrinações era acompanhado por duas professoras, tinha, no Belo Monte, “a rua da professora”, o que sugere um olhar para o futuro, o interesse pela formação intelectual e moral da população de Canudos.

A despeito da interpretação euclidiana do fenômeno de Canudos, hegemônica (ao longo de boa parte do século XX) na pesquisa social e na prática escolar – através de sua difusão nos livros didáticos de história do Brasil – ocorre nas décadas recentes o resgate do significado sociopolítico do arraial conselheirista. Estudiosos como José Calazans, Rui Facó, Edmundo Moniz, Marco Villa, Mario Maestri e outros, trazem para a reflexão outros olhares acerca daquela cidade-la que o autor d’ Os Sertões chamou de urbs monstruosa, Tróia de Taipa. Canudos e o Conselheiro permanecem como desafios na busca de compreensão da brasilidade e sobrevivem no imaginário dos movimentos sociais camponeses.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Rubim Santos Leão de (et alli). *Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais*. Record: Rio de Janeiro/São Paulo, 1999.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. O reino da morte: esperando a volta do mítico d. Sebastião, sertanejos de Pernambuco faziam sacrifícios humanos em uma comunidade destruída pela ação dos fazendeiros locais. *Revista Nossa História*, Ano 3, nº 30, abril/2006, p.18-20.

ARAÚJO, Sadoc de. *Padre Ibiapina: peregrino da caridade*. São Paulo: Paulinas, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere – os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, Vol.II.

HERMANN, Jacqueline. *Massacre no reino encantado: com rezas e armas, comunidade messiânica do século XIX esperou no agreste pernambucano, por d. Sebastião, o Deseja-*

do. Mas em vez do rei, chegaram os soldados. *Revista Nossa História*, Ano I, nº6, abril/2004, p.28-32.

LACERDA, Rodrigo. Sobrevoando Canudos. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim; ALEXANDRE, Isabel. M. M (Orgs). *Canudos: palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: Boitempo/SENAC, 1997, p.21-39.

LIMA, Luciano Mendonça de. Abaixo os quilos! – dos mercados de quatro províncias do norte, explode uma revolta popular contra as reformas modernizantes do Brasil Imperial. *Revista Nossa História*, Ano I, nº8, jun/2004, p.33-37.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. *Entre orações, letras e agulhas: a pedagogia feminina das Casas de Caridade do padre Ibiapina – sertão cearense (1855-1883)*. Fortaleza: Faced/UFC, 2003, (Tese de Doutorado).

MONIZ, Eduardo. *Canudos: a guerra social*. 2ed. Rio de Janeiro: Elo, 1987.

MONTEIRO, Hamilton de Mattos. *Nordeste Insurgente (1850-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MOURA, Clóvis. Antônio Conselheiro: um abolicionista da plebe – o olho da História. *Revista de História Contemporânea*, Salvador, UFBA/UNEB, 1996, nº3, p.93-98.

SAMPAIO, Wilson Correia; DAMASCENO, Maria Neide. *Antônio Conselheiro nos sertões de Euclides da Cunha (um enfoque gramsciano)*. Maceió: Edufal, 2005.

SAMPAIO, Wilson Correia; MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. Missões religiosas no Nordeste do século XIX – conflitos e flagelos: um exame sobre os aspectos formativos do povo. Trabalho apresentado no *VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*. Uberlândia (MG): Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. In: ABDALA JUNIOR, Benjamim; ALEXANDRE, Isabel. M. M (Orgs). *Canudos: palavra de Deus, sonho da terra*. São Paulo: Boitempo/SENAC, 1997, p.89-99.

VILA, Marcos Antônio. *Canudos: o campo em chamas*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

NOTAS

¹ gloiola@bol.com.br.

² Parágrafo transcrito de SAMPAIO e MADEIRA, p. 2

³ Frei Venâncio, capuchinho que atuou na pacificação do Quebra-quilos, na Paraíba, 1874/1875.

⁴ As montanhas de Cocorobó transformar-se-iam em pães de milho e as águas do Vaza-Barris em rios de leite.

⁵ Algumas fontes indicam 1828 como ano do nascimento de Antônio Maciel.

⁶ Sabino, vigário do Cumbe, mantinha relações amistosas com o Conselheiro e, mesmo com as proibições, continuou suas visitas ao arraial do Belo-Monte, pregando os Evangelhos, casando os amancebados, batizando os pagãos, sem conflito com o pelegrino.

⁷ Carece de consistência a afirmativa categórica de Roberto Ventura (1997, p.27): “As crenças sebastianistas, messiânicas e milenaristas, de que os poemas e as profecias transcritos por Euclides são evidência, permitem explicar tanto a luta quase suicida de parte dos conselheiristas como a intensa migração para Canudos em pleno acirramento do conflito”.

